

Revista 127 – Crónica: Global Nurses United: resistir, cuidar e lutar sem fronteiras

5 Fevereiro, 2026



Crónica de Guadalupe Simões, Dirigente Nacional do SEP, publicada na edição 127 da revista *Enfermagem em Foco*.

Como membro do Global Nurses United (União Global dos Enfermeiros) participámos na Conferência Internacional entre 6 e 8 de outubro, em São Francisco.

Este ano, o lema foi “Resistência e Resiliência”, e em análise e discussão estiveram quatro temas: o aumento da opressão do mundo e o papel dos enfermeiros sindicalizados; as Dotações Seguras; a Saúde e a segurança; a luta contra as privatizações.

Esta reunião aconteceu num contexto global que nos deve preocupar a todos.

Na intervenção inicial, a Secretária Geral, Puneet Maharaj, não deixou de referir as consequências devastadoras decorrentes das situações de guerra que têm vindo a aumentar, as tentativas de alteração da legislação laboral em vários países, o aumento das doenças infecciosas, as consequências dramáticas das alterações climáticas e o aumento do número de países com governos totalitários, incluindo os Estados Unidos.

“Os fascistas querem que nos sintamos desmoralizados e sem esperança, mas quando os enfermeiros se juntam, para além das fronteiras, ganhamos” — este foi o mote para o primeiro painel, o aumento da opressão no mundo, e os relatos dos diferentes países são preocupantes, apesar dos “ventos de esperança” que sopram de alguns.

O Brasil é um deles: a implementação de um salário mínimo e a taxação das grandes fortunas foram apontados como cruciais para diminuir o número de brasileiros em situação de pobreza, que tinha aumentado com Bolsonaro. E confiam que seja regulamentada a jornada de trabalho de 30 horas semanais. Já no Uruguai, há um longo caminho para atingir uma democracia plena depois de anos em ditadura em que, por exemplo, “não era permitido aos trabalhadores reformarem-se ou ficarem doentes”.

Do Uganda, também em representação da Federação Africana de Sindicatos de Enfermagem, a opressão dificulta o trabalho sindical, com a impossibilidade de decretarem greve na administração pública, o assédio sobre sindicalistas, os cerca de 1 milhão de enfermeiros desempregados e o aumento do racismo.

Ainda no Chile, por exemplo, o movimento social tem sido fundamental para impedir que a extrema direita, que se apresentou a eleições com um discurso contra a administração pública e é anti sindicalista, tivesse sucesso. A segunda volta das eleições presidenciais coloca a candidata de esquerda contra o da extrema direita.

Quanto a Portugal, destacámos o regresso de um Governo de direita, a presença da extrema direita no Parlamento, o discurso populista anti-imigração e o discurso europeu em torno da necessidade de aumentar os gastos com a defesa, que resulta na compra de armas aos EUA e nas tarifas comerciais, o que demonstra como a política está refém dos grupos económicos privados. Apontámos ainda a intenção do Governo de recuperar as parcerias público-privadas e de concessionar ainda mais serviços de saúde públicos aos setores privados e sociais, sem esquecer as propostas de alteração da legislação laboral que, a serem aprovadas, terão como consequência o aumento da precariedade, da jornada de trabalho diário e semanal para os enfermeiros, e a retirada de direitos conseguidos ao longo de anos. Por fim, fizemos referência aos 1677 trabalhadores da saúde mortos em Gaza, incluindo muitos enfermeiros.

A moderação do 2.º painel sobre Dotações Seguras foi da responsabilidade de Guadalupe Simões, em representação do SEP. A introdução ao tema coube à Dra. Karen Lasater, enfermeira, professora associada e investigadora na Universidade da Pensilvânia no Center for Health Outcomes and Policy Research. Dos seus estudos tem resultado evidência sobre como as mudanças de fatores organizacionais têm impacto no bem-estar dos enfermeiros e, conseqüentemente, nos doentes. São avaliados fatores que têm impacto no bem-estar dos enfermeiros, na sua retenção e rotatividade, mensura os cuidados de enfermagem em termos de resultados de saúde e do custo dos cuidados; e avalia a importância das dotações seguras no contexto das políticas públicas.

Segundo Lasater, os enfermeiros em todo o mundo enfrentam hoje condições menos seguras de trabalho. Os rácios enfermeiro-doente inadequados, a desregulação dos horários de trabalho ou a sua inexistência, a ausência de vida pessoal e o aumento da violência são demonstrativos das falhas e determinam, a nível global, uma diminuição da atratividade dos jovens pela profissão de enfermagem. A título de exemplo, em Queensland (Austrália), um estudo demonstrou que o custo pela admissão de mais enfermeiros é menor do que o associado à espera dos doentes por cuidados de enfermagem. No Estado norte-americano da Califórnia, as dotações que foram regulamentadas estão a ser aplicadas, de forma gradual, em todos os hospitais. Esta regulamentação foi possível recorrendo à evidência, relacionando a menor carga de trabalho dos enfermeiros à segurança dos cuidados prestados e, conseqüentemente, a uma maior segurança dos doentes. Conseqüentemente, houve uma diminuição da violência contra os enfermeiros. Em Portugal, destacámos uma carência estimada de cerca de 25 mil enfermeiros e, apesar da licenciatura em Enfermagem continuar a não ter diminuição de candidatos, metade dos jovens enfermeiros optam por emigrar, tendo por destinos países como o Reino Unido, a Irlanda, a Alemanha, a Suíça e os Emiratos Árabes Unidos — motivados pela degradação das condições de trabalho, que os países de destino aproveitam para assim desinvestirem na formação dos seus próprios recursos humanos. Apesar de existir um regulamento sobre Dotações Seguras, aprovado em Assembleia Geral da Ordem dos Enfermeiros, este não é imperativo e, por isso, não é cumprido por parte das instituições públicas, privadas e sociais.

No painel sobre Saúde e Segurança, constatou-se a falta de legislação em vários países, que contribui para uma larga exposição dos enfermeiros a riscos de vária natureza. Outros, afirmam ter legislação, mas, por vezes, um dos grandes problemas são os próprios enfermeiros, que não acreditam numa cultura de segurança para si

próprios — apenas para os doentes. Relevante a informação do Quénia, sobre os trabalhadores de saúde, incluindo os enfermeiros, que foram atacados e espancados a mando dos próprios empregadores sem que tenha havido quaisquer punições.

No 4.º painel sobre “A Luta contra as privatizações” foi avançado que o GNU deve colocar no topo da sua agenda a defesa dos serviços públicos, realçando o impacto para as populações da sua privatização. É dever de todos lutar contra a mercantilização da saúde. Os colegas dos EUA propõem uma declaração global na defesa dos serviços públicos a enviar a todos os Governos, e a Grécia, na mesma linha, propõe uma grande ação global. Os franceses entendem que temos o dever de transmitir aos mais jovens a importância de serem militantes na defesa dos serviços públicos de saúde. De Portugal, demos a conhecer as inúmeras lutas dos enfermeiros em torno do Serviço Nacional de Saúde, e que essa preocupação está sempre presente nas lutas desenvolvidas por nós, reconhecendo que o SNS e as carreiras profissionais são indissociáveis.

Sobre a Resiliência dos Serviços Públicos de Saúde, fomos convidados para participar num debate com a Enfermeira Terry, de Nova Orleães (Estado norte-americano de Louisiana) e o Enfermeiro Josué, do Sindicato dos Enfermeiros das Honduras. O debate foi moderado por Omid, da Associação das Enfermeiras da Califórnia. Terry abordou a terrível realidade de Nova Orleães: antes do furacão Katrina, tinham um sistema público de saúde que garantia que todos os cidadãos pudessem aceder a cuidados. Após o furacão, e aproveitando a reconstrução da cidade, o Governador privatizou os hospitais da cidade, apesar de o sindicato ter desenvolvido iniciativas para congregar a comunidade e as organizações na luta pelo serviço público de saúde. Sem qualquer dificuldade, afirmou que os EUA são controlados, também, pelas empresas farmacêuticas, pelas seguradoras e pelos grupos económicos privados que detêm os hospitais. Em 2023, referiu, os lucros dos seguros atingiram os 2,3 “trilhões” de lucros, um resultado do aumento sistemático dos seguros. Também os hospitais, individualmente falando, distribuem mais lucros pelos acionistas. Os enfermeiros exigem o alargamento do MediCare para todos, e o sindicato de enfermagem tem enfermeiros eleitos nos diferentes fóruns de decisão para continuar esta luta.

Por sua vez, o colega Josué referiu que 850 milhões de hondurenhos elegeram um Governo de esquerda que se apresentou a eleições como defensor dos trabalhadores, da melhoria da legislação laboral e dos serviços públicos, mas que, quando chegou ao poder, “esqueceu-se”. Atualmente, os sindicalistas são perseguidos e assumem o lema: “se vamos morrer que seja pela nossa causa, a defesa do serviço público de saúde, e pelos enfermeiros!”.

Na nossa intervenção, abordámos a criação do SNS e a luta desenvolvida, ao longo dos anos, para o defender. Frisámos que a legislação que criou o SNS mereceu, à data da sua criação, os votos contra dos partidos de direita, os mesmos que hoje estão no poder, e que, desde então, só a luta dos trabalhadores, em particular dos sindicatos membros da CGTP-IN, tem permitido impedir a sua privatização.

No decurso desta Conferência foi realizada uma manifestação que colocou nas ruas cerca de 5000 enfermeiros. Estrategicamente, foram feitas paragens em frente às sedes de algumas grandes empresas de tecnologia e ao Banco Federal Americano, onde se gritou “Corporate greed has got to go!” (“A ganância das empresas tem que acabar!”). Nas ruas de São Francisco também se ouviu “sem ódio, sem medo, os imigrantes são bem-vindos!”, “fim do genocídio, fim do cerco!”, “vale a pena lutar pela Saúde, pela Justiça e pela Liberdade!”, “os mesmos inimigos, a mesma luta, os enfermeiros do mundo estão unidos”, “quando eles dizem cortar nas despesas, nós respondemos com a luta!”.

E sim — a luta continua!

Guadalupe Simões
Dirigente Nacional do SEP